

Neste quadragésimo terceiro número da *ex æquo* dedicamos o *dossier* temático aos “Diálogos Feministas sobre Masculinidades: Experiências, Desafios e Horizontes”. A organização do *dossier* esteve a cargo de Bakea Alonso Fernández de Avilés e Tatiana Moura, que, além de investigadoras das problemáticas das masculinidades, têm uma outra característica que as uniu neste projeto – a intervenção social em prol de novos modelos de masculinidades mais igualitárias e aliadas no envolvimento em ações e políticas de promoção da igualdade de género. Bakea Avilés na fundação CEPAIM, em Espanha, e Tatiana Moura na organização não-governamental Promundo.

O sentido procurado na intervenção social em questões relativas aos modelos de masculinidade hegemónicos é o de desenvolvimento de identidades masculinas que rejeitam a dominação, e os seus traços associados, e abraçam valores de cuidado e interdependência. A União Europeia tem apoiado medidas de política neste mesmo sentido e, a nível académico, a questão das masculinidades tem estado em foco em extensas agendas de investigação e debates teóricos. Encontramos na literatura abordagens relativamente à problemática dos papéis atribuídos aos homens e os custos (físicos, mentais e emocionais) que para estes representa o esforço de corresponderem às expectativas abertas por esses papéis; em paralelo surgiram concetualizações focadas na centralidade que o poder masculino tem na ordem de género e nas masculinidades hegemónicas; por fim, sob influência do pós-estruturalismo feminista, multiplicaram-se as demonstrações de como o sentido de masculinidade dominante é validado por meio de atos performativos discursivos sobre si mesma e a sua relação com poder (e resistência).

Em especial na última década tem surgido um campo de estudos interdisciplinares, designado de diversas maneiras na comunidade académica internacional, mas que podemos de forma simplificada nomear como “Estudos sobre os Homens” (Men’s Studies). Neste contexto, são várias as designações propostas para masculinidades que se querem promotoras do engajamento e envolvimento dos homens na igualdade de género e da mudança nas relações sociais de género. O modelo da masculinidade cuidadora tem sido uma das concetualizações mais disseminadas, focadas nas transformações da vertente paternal da masculinidade, mas excluindo dos estudos empíricos muitas das suas vertentes.

Causou-nos alguma estranheza o facto de poucos textos terem sido submetidos ao *dossier* sobre as questões suscitadas pelas masculinidades cuidadoras (com muitas fragilidades dos submetidos, diga-se, não tendo sido aprovados pela revisão por pares). Seria bom perceber se o investimento em cuidado dos pais (homens) continua, tal como tem sido mostrado pelos estudos empíricos, a focar-se nas tarefas com as crianças que implicam interação, mas não nas tarefas que, dizendo respeito a essas mesmas crianças, não envolvem a interação direta com elas – como seja o tratamento das roupas e a preparação de alimentos, por exemplo. Ou seja, investimento que não se traduz numa diminuição da carga mental das mães ou numa transformação das relações no casal. A continuar assim, não podemos afirmar que a masculinidade cuidadora é necessariamente igualitária, nem que caminhemos para o modelo da pessoa cuidadora universal a que aspira Nancy Fraser.

Será interessante até percebermos se a masculinidade cuidadora é já uma nova masculinidade hegemónica. Na medida em que os homens cuidadores são tão notados e elogiados – até quando vão ao supermercado transportando o seu bebe – não será que eles se sentem como estando no bom caminho e que são os homens que praticam a masculinidade hegemónica convencional que constituem o problema? E quanto às mulheres? O que é que elas podem fazer de inovador, de igualitário, uma vez que os homens “igualitários” agora fazem parte do que elas sempre fizeram? Será que as mulheres que prestam cuidados a crianças e jovens serão classificadas de “tradicionais” e os cuidados que prestam desvalorizados? Ao ceder o seu papel aos pais, será inevitável que as mães se sintam num turbilhão emocional quanto aos ideais morais da maternidade? Como vemos, falar de masculinidades leva-nos longe... e o apelo ao surgimento de novas masculinidades continua nas agendas políticas e de debate, bem assim como o apelo reativo à defesa dos modelos convencionais de masculinidade. As questões da partilha do cuidado entre mulheres e homens é central no nosso viver da cidadania e constitui um domínio que, para ser captado no seu mais amplo significado, deve ser abordado numa perspetiva institucional, organizacional e pessoal, e interdisciplinar.

Prometemos voltar a esta temática, uma vez que se não se nasce mulher, também não se nasce homem e será interessante voltar a olhar para as “masculinities in the making” e analisar os impactos das crises pandémica, ambiental e do #MeToo# nas identidades masculinas, perante a obrigatoriedade de usar máscara, ou de alterar a relação depredadora com a natureza ou de aprender a reconhecer o que é o consentimento afirmativo.

Este número da *ex æquo* aborda, porém, outras temáticas, trazidas a partir de várias origens. María de la Paz Pando Ballesteros traz-nos uma comparação entre “La I república portuguesa y la II república española en perspectiva de género”, sublinhando os aspetos comuns dos dois lados da fronteira – desde os perfis das protagonistas, à natureza das suas iniciativas, algumas delas em comum, até às reações dos governos republicanos assaltados pelos mesmos receios de que os ganhos civis e políticos das mulheres pusessem em causa os valores e os papéis tradicionais. Caterine Galaz, Catalina Álvarez Martínez-Conde e Rodolfo Morrison dão-nos conta das mudanças na abordagem das questões da população LGBTI+ no estudo sobre “Salud y población LGBTI+ en Chile: desde la invisibilidad a un enfoque identitario”, identificando a passagem da invisibilidade à sobre-especificação identitária nas políticas públicas de saúde. Por fim, Dulce Maria Passades Pereira dá-nos a conhecer uma intelectual de Moçambique “Joana Semião, *homo æconomicus* e *homo politicus*: urdindo uma epistemologia ‘tolerante’ moçambicana”. Ficamos a conhecer um pouco da história desta mulher ausente dos espaços formais, obscurecida, no entender da autora, pela priorização dos discursos economicistas.

No capítulo das **Recensões**, Ermelinda Liberato apresenta-nos a sua leitura do clássico de Judith Butler, finalmente traduzido para português, *Problemas de género*. Rosa Loureiro apresenta-nos o best-seller *Mulheres Invisíveis. Como os dados configuram o mundo feito para os homens*, de Caroline Criado Perez, cuja publicação para português tem fornecido o pretexto para denúncias de enviesamentos masculinos na conceção de produtos científicos, estatísticos e de *design* em variadíssimos campos de atividade. A coletânea sobre *Bisexuality in Europe: Sexual Citizenship, Romantic Relationships, and Bi+ Identities* é anotada por Mafalda Esteves. Dividido em três partes, a obra reúne contributos de investigadoras/es com trabalho desenvolvido em diferentes contextos geográficos europeus. Esperemos que a diversidade temática, geográfica e autoral deste número da *ex æquo* seja suficientemente aliciante para contarmos com o vosso interesse.